

# SOBRE A LEITURA DA “ORIENTAÇÃO LACANIANA” ENTRE NÓS

*Carlos Augusto Nicéas*

Palavras-chave: *Orientação lacaniana, ensino e transmissão da psicanálise, universidade.*

## **I – *Magister dixit***

Num encarte de locuções latinas e estrangeiras, inserido no corpo do dicionário “Petit Larousse illustré”, de 1977, encontramos a locução *Magister dixit* (O mestre o disse), assim definida: “Palavras sacramentadas pelas quais os escolásticos da Idade Média pretendiam citar como um argumento sem réplica a opinião do mestre (Aristóteles), à maneira dos discípulos de Pitágoras. Hoje, essas palavras se dizem, por extensão, de todo chefe de uma escola, de uma doutrina, de um partido”.

## **II – Um exercício de leitura: desvios possíveis**

Há muitos anos atrás a “Lettre mensuelle” n. 92, de setembro-outubro de 1990, publicou, na seção “Reflexões sobre a Escola”, num ano institucional em que a ECF caminhava de uma crise ética para um momento de crítica construtiva, as respostas de alguns de seus membros à questão: “Pra você, o que é a causa analítica?”. Assim formulada, a pergunta pedia àqueles que aceitaram respondê-la, que o fizessem nos termos da implicação de cada um em sua relação com a causa analítica.

Relendo nesse número da “Lettre mensuelle”, as comunicações dos autores apresentadas durante a “Tétrade, troisième” de 13 de maio de 1990, me vi trazendo para a atualidade de uma experiência nossa na Escola, uma questão semelhante, assim desdobrada: o que é, o que se tornou, entre nós, a “Orientação lacaniana” sustentada por Jacques-Alain Miller há um bom número de anos? Qual a marca particular que ela continua imprimindo a cada um de nós que a lê?

Pois eu estou me referindo, justamente, ao exercício de leitura que dela temos feito, de maneira sistemática, juntos, na Escola. Isso, desde a iniciativa da diretoria da EBP, há poucos anos atrás, então conduzida por Elisa Alvarenga, de sugerir que cada uma de suas seções formalizasse a prática de leitura, aula a aula, da “Orientação lacaniana” circulando entre nós na forma transcrita do curso das quartas-feiras ministrado em Paris por Jacques-Alain Miller.

A gente sabe, principalmente aqueles que mantêm a experiência do ensino na Universidade ou que transmitem a teoria da psicanálise nos Institutos, o que é esperado de nós, na maioria das vezes, por parte daqueles que nos ouvem: do seu lugar de alunos, eles tendem, naturalmente, a buscar adquirir sob uma forma de ensino ordenado, o saber psicanalítico supostamente sistematizado nos textos freudianos e lacanianos, apenas à espera do mestre-tradutor para transmiti-lo.

Não seria exagerado, penso eu, afirmar que em nossa prática de leitura da “Orientação lacaniana”, existam tentação e risco, para cada um, de adoção da posição desse aluno na aproximação e na apropriação do texto milleriano, supondo-o, assim, destinado a satisfazer a uma demanda nossa de um saber, o saber da psicanálise, que se desse como um aglomerado de teses ou de dogmas a serem empilhados em nossas estantes e em nossas memórias para, a ocasião surgindo, serem citados e repetidos à exaustão.

Ora, para Miller, a “Orientação lacaniana”, desde o início, foi concebida como o avesso da produção de um saber acabado, imóvel. Seria então lamentável que, instalados num conforto intelectual, nós nos contentássemos em transformar o seu pensamento numa palavra sacramentada. Porque isso seria subtrair-lhe a orientação, seria reduzi-lo, desvitalizando-o, aos termos de uma simples locução: *Magister dixit*. Seria, enfim, um risco, sobretudo, para o avanço e o futuro da psicanálise entre nós.

### III – A “Orientação lacaniana”: um pensamento em movimento

Na abertura do Livro I do seu seminário (“Os escritos técnicos de Freud”, 1953-54), Lacan dizia do pensamento de Freud que ele “é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras usadas. Cada noção possui ali sua vida própria”. É a descoberta de um pensamento em movimento que se revela no que Freud ensina, que faz Lacan afirmar, ainda, que “esse ensino é uma recusa de todo sistema”, precedendo essa afirmação na abertura do seminário pela evocação da técnica zen do mestre budista em sua procura do sentido: “O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um ponta-pé (...) Cabe aos próprios alunos buscar as respostas para suas próprias questões. O mestre não ensina *ex cathedra* uma ciência acabada, ele dá a resposta quando os alunos estão no ponto de encontrá-la”.

Essas considerações de Lacan sobre o pensamento de Freud, e a referência ao modo de ensinar do mestre budista, ganham toda relevância nesse momento mesmo em que ele, tendo decidido ensinar a psicanálise a seus alunos, começa a fazê-lo. Depois dele, a sustentação da “Orientação lacaniana” por Jacques-Alain Miller, não cessou de continuar passando adiante a marca deixada por esse ensino.

“1, 2, 3, 4”, de 1984-1985, é o quarto curso de Miller inscrito na segunda série de um percurso iniciado em 1972 e que recebeu o título de “A orientação lacaniana”. Na lição de 11 de novembro de 1984, Miller sublinha que o termo “orientação” tem um sentido recente: “o fato de dar um movimento, uma direção determinada” Ele nos lembra então que, antes, desde 1834, segundo os dicionários, “orientação” é simplesmente uma arte de reconhecer o lugar onde se está, determinando pontos cardeais.

Quando chamou “Orientação lacaniana” a série de seus cursos ele já quis, assim, expor a direção que Lacan imprimiu indissolúvelmente à psicanálise, à prática analítica e ao movimento psicanalítico. Era preciso continuar reafirmando que havia movimento na orientação de Lacan e que esse movimento “é o que comporta a orientação”, diz ele. A “Orientação lacaniana” não é, portanto, uma estática, e no sentido atual que ele lhe dava desde então, ela era até mesmo melhor representada por um vetor, por “um segmento munido de uma orientação”. Mais ainda: a orientação da qual se serviu Miller para chamar de “Orientação lacaniana” a partir de 1972 a série de seus cursos anuais, lhe permitiu sobretudo sustentá-la nestes termos: “Não me interessa desenvolver o ensino de Lacan como uma dogmática”. O que, aliás, não seria possível, já que a construção do ensino de Lacan, sublinha Miller na mesma lição do seu curso de 1984, “caminho”, é “abertura de caminho (*frayage*)”, é “progresso”, termos ali entendidos, precisamente, cada um deles, como o contrário de imobilidade.

O esforço de Miller ao chamar para si, depois de Lacan, a sustentação da “Orientação lacaniana” foi fundamentalmente este: “adotar o que Lacan pôde formular em suas variações”. E foi o ponto de vista da orientação que lhe possibilitou, justamente, como ele próprio falou, “tratar o conjunto dos ditos de Lacan, os quais,

considerados do ponto de vista dogmático, seriam puramente e simplesmente contraditórios”.

Na mesma lição de 11 de novembro de 1984, Miller abre, ainda, uma consideração importante: na orientação há movimento mas há também as condições das possibilidades de uma orientação pois haverá orientação somente se houver determinação dos pontos cardeais. É isso que fará objeto de sua reflexão no curso anunciado, em articulação na experiência psicanalítica e no ensino de Lacan. Porque, insiste ele, evocando um momento desse ensino, “quando ele identifica a série e o sério, ele pensa em seu ensino, ele pensa em sua orientação, isto é, aquela que lhe parecia corresponder à experiência analítica”.

#### **IV – O analista, leitor da “Orientação lacaniana”**

A orientação que Lacan vai imprimir ao seu ensino já está delineada, como acabamos de lembrar, no momento mesmo em que ele o inaugura. Seu comentário sobre a maneira avessa a todo sistema, de Freud nos ir transmitindo a sua descoberta e a alusão ao modo de proceder do mestre budista que “não ensina *ex cathedra* uma ciência acabada”, nos indicam que a posição desse mestre que “dá a resposta quando os alunos estão no ponto de encontrá-la”, interessou a Lacan como modelo para aquele que pretende ensinar a psicanálise.

A nós, interessa também essa posição em que se encontra o aluno no tempo de acolher a resposta trazida pelo mestre: “no ponto de encontrá-la”, o que traduz, já, que houve percurso, que um caminho foi percorrido. Se a gente, então, deslocasse essa posição do aluno para cada um de nós, analistas, na Escola, leitores de Jacques-Alain Miller nas lições “Orientação lacaniana”, não teríamos dificuldade, talvez, em reconhecer que esse percurso é o movimento mesmo que cada analista traça em permanência em sua prática na direção de análises, através dos anos.

Assim em sua experiência de leitura da “Orientação lacaniana”, a palavra que o orienta poderá ser lida não à maneira de um texto universitário mas como uma palavra que fale à sua posição na clínica, antes de tudo. Junto a outros sua contribuição não será, certamente, a de repetir: “o mestre o disse”, mas oferecer ao grupo de leitura o que a clínica lhe tem ensinado quotidianamente.